

ESCRITAS DE UM PROFESSOR NEGRO: UMA ABORDAGEM CONTRACOLONIAL

**JOÃO AUGUSTO VARELA MASCARELLO^{1,2*}, DÉLCIO MARQUETTI³, RENILDA
VICENZI^{2,4}**

1 Introdução

A historiografia oficial do estado de Santa Catarina, e especificamente da região serrana, frequentemente caracterizou-se pelo silenciamento das trajetórias das populações negras, priorizando uma narrativa centrada na figura do colonizador branco e de fundadores considerados heróicos. O livro *O Negro no Planalto Lageano* (1988), de Sebastião Ataíde, surge como uma fonte documental essencial para confrontar essa narrativa, ao registrar a presença, o trabalho e a resistência da população negra desde a fundação da Vila de Lages até o pós-abolição. A problemática desta pesquisa reside na análise de como essa obra, ao validar a oralidade e a experiência vivida, opera um movimento de insurgência contra a colonialidade do saber, permitindo uma reescrita da história regional sob uma ótica que privilegia o protagonismo negro.

2 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar, a partir do referencial teórico do pensamento contracolonial, a escrita de Sebastião Ataíde em sua obra *O Negro no Planalto Lageano*, observando como o autor articula memória e denúncia histórica. Especificamente, busca-se contextualizar a trajetória biográfica de Sebastião Ataíde e sua inserção como intelectual negro na literatura catarinense; identificar as denúncias apresentadas pelo autor relativas à exploração, aos castigos e às condições de vida da população negra no Planalto Lageano; e investigar as aproximações entre sua narrativa e os conceitos de “lugar de fala”, “contracolonização” e “literatura de multidão”.

¹Bolsista de Iniciação Científica e acadêmico do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó-SC. E-mail: mascarello.joaogausto@gmail.com

²Grupo de Pesquisa: GruPEVD - Grupo de Pesquisa em Educação, Violência e Democracia

³Doutor em História, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó, **Orientador**.

⁴Doutora em História, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó, **Orientadora**.

3 Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, combinando levantamento bibliográfico com a análise da obra *O Negro no Planalto Lageano* (1988), de Sebastião Ataíde. O estudo concentra-se na trajetória do autor e nas denúncias presentes em sua narrativa sobre a experiência da população negra no Planalto Lageano. O referencial teórico baseia-se nos conceitos de Giro Decolonial, de Luciana Ballestrin (2013), Lugar de Fala (2017), de Djamila Ribeiro, Contracolonização, de Antônio Bispo dos Santos (2023), e Literatura de Multidão, de Bruno Santos e Mylena Queiroz (2024), que orientam a análise da escrita de Ataíde como expressão de memória, denúncia histórica e pertencimento coletivo.

4 Resultados e Discussão

Sebastião Ataíde nasceu em 29 de julho de 1923, em Lages, Santa Catarina, sendo descendente direto de pessoas escravizadas. Filho de Maria dos Prazeres Moreira, uma mulher negra e lavadeira, Ataíde teve uma trajetória marcada pelo trabalho desde a infância, mas também pelo acesso à educação formal, o que era uma exceção para negros no imediato pós-abolição. Atuou profissionalmente como bancário, professor e funcionário público. Também ingressou no ensino superior, graduando-se em Ciências Sociais em 1983, formação que, aliada a suas raízes ancestrais, possibilitou suas pesquisas sobre a ancestralidade negra na região, que culminaram na escrita de seu livro.

Quando lemos *O Negro no Planalto Lageano* (1988), a partir de uma ótica contracolonial, logo percebemos que o autor opera um movimento narrativo que se contrapõe a historiografia oficial catarinense. Ao identificar-se em sua apresentação como “descendente de escravo” e buscar revelar sua origem para que os leitores analisem sua personalidade, Ataíde realiza o que Luciana Ballestrin (2013, p. 89) define como opção decolonial, um movimento epistêmico e político para “compreender um mundo marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva”. Sua escrita não é meramente descritiva, mas uma ferramenta de visibilização de sujeitos historicamente silenciados, confrontando a “história lacunosa, cheia de brancos que silenciam sobre o fundamental”, conforme apontado no prefácio de sua obra.

Nesse contexto, o conceito de lugar de fala, desenvolvido por Djamila Ribeiro (2017), é fundamental para compreender a legitimidade da escrita de Ataíde. A autora argumenta que

o lugar social ocupado por sujeitos em uma sociedade estruturalmente desigual determina as possibilidades de acesso a espaços de fala e escuta. Ataíde, ao escrever a partir de sua localização como homem negro no interior de Santa Catarina, rompe com um pretenso discurso universal que desautoriza pessoas subalternas a falar. Conforme Ribeiro (2017, p. 70): “Ao promover uma multiplicidade de vozes, o que se quer, acima de tudo, é quebrar o discurso autorizado e único que se pretende universal”. A narrativa de Ataíde é a materialização desse rompimento, pois ele assume o controle da narrativa de sua realidade e a de seus iguais, o que é fundamental para pensar as hierarquias e desigualdades que estruturam a região serrana a partir das vozes destes indivíduos que vivem os impactos dessas desigualdades.

A forma como Ataíde escreve, centrada em entrevistas e memórias familiares, aproxima-se do que Antônio Bispo dos Santos denomina contracolônização. Para Bispo (2023), a contracolônização é um modo de vida e uma estratégia de defesa que utiliza as próprias ferramentas do colonizador para enfraquecê-lo. Ataíde utiliza a escrita, uma ferramenta historicamente negada aos escravizados e seus descendentes, para registrar saberes da oralidade, preservando os fatos e acontecimentos do passado que lhe foram transmitidos. Ao fazer isso, ele realiza uma guerra das denominações, que Bispo (2013, p. 3) define como sendo “o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las”, potencializando palavras e histórias que a colonialidade tentou apagar.

A obra de Ataíde, também pode, ainda, ser lida como uma literatura de multidão, conceito articulado por Bruno Santos e Mylena Queiroz (2024). Trata-se de narrativas que multiplicam personagens e ações, criando um estado de copertencimento. Ao apresentar genealogias, nomes de trabalhadores negros que ascenderam socialmente e figuras populares de Lages, como Tio Eufrásio ou Catarina dos Cachorros, Sebastião Ataíde constrói uma narrativa de muitos, ligada ao território e às suas demarcações sociais. Dessa forma, ele não está narrando a história de um indivíduo que está isolado, mas de pessoas que representam uma coletividade que, através da resistência, reconfiguram sua identidade em meio à desigualdade.

Outro ponto de aproximação com o pensamento contracolônial é a crítica ao que Castro-Gómez (2005, apud Ballestrin, 2013, p. 104) chama de “hybris do ponto zero”, ou seja, a pretensão de um conhecimento neutro e absoluto. A historiografia tradicional de Lages

tende a focar na figura de Antônio Correia Pinto de Macedo como o único fundador “bravo e destemido”, mas Sebastião Ataíde questiona essa visão ao demonstrar que o “negro escravo ajudou a construir Lages e suas grandes fazendas” (1988, p. 27). Assim, ele desloca o eixo da fundação branca da cidade para a participação negra, que ajudou efetivamente com sua mão-de-obra, diferenciando aqueles que apenas davam ordens daqueles que as executavam.

Essa inversão da lógica narrativa expõe a colonialidade do saber, que, segundo Ballestrin (2013), é a lógica que sustenta a hegemonia do conhecimento eurocentrado. Ataíde denuncia o fato de que, na luta cotidiana, o negro não teve oportunidade de expor suas memórias ou ser um intelectual, pois aos senhores interessava apenas “o lucro e a vantagem”. Ao publicar sua pesquisa, Ataíde rompe com esse bloqueio, realizando o que a autora chama de desprendimento e desobediência epistêmica, isto é, rupturas necessárias para a descolonização do pensamento. Ele sustenta que a capacidade do negro é igual à do branco como intelectual e administrador, apesar das desigualdades impostas pela escravidão.

A escrita de Ataíde também manifesta o que Bispo chama de confluência, ao articular sua biografia pessoal com a história coletiva dos negros do planalto lageano. Essa confluência de saberes e trajetórias fortalece a narrativa, pois, como ensina Bispo (2023, p. 4-5):

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente conflui, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia.

A obra torna-se, assim, um espaço de encontro entre a memória individual e a resistência coletiva dos negros de Lages. Ele narra como aprendeu a enfrentar as dificuldades da vida com seus pais de criação e como essa experiência pessoal se entrelaça com a trajetória de resistência de seus ancestrais.

5 Conclusão

A análise da obra *O Negro no Planalto Lageano* permite compreender sua importância para o enfrentamento do apagamento histórico da população negra em Santa Catarina. Ao identificar-se como “descendente de escravo” e registrar memórias sobre a presença negra na região serrana, Sebastião Ataíde utiliza a escrita como instrumento de preservação de experiências historicamente marginalizadas. Sob a perspectiva da contracolônização, sua

narrativa ressignifica um instrumento associado ao poder colonial para afirmar saberes, memórias e experiências produzidas pela população negra.

A obra evidencia a participação da população negra na formação histórica de Lages e contribui para ampliar a compreensão sobre sua atuação na sociedade lageana e de Santa Catarina. Nesse sentido, a escrita de Ataíde ultrapassa o caráter descritivo ao construir uma narrativa que confere visibilidade a sujeitos frequentemente ausentes da historiografia regional, articulando memória, denúncia histórica e pertencimento coletivo.

Fonte

ATAÍDE, Sebastião. **O Negro no Planalto Lageano**. Lages, SC: Prefeitura do Município de Lages, 1988.

Referências Bibliográficas

ABUD, Marcelo. O que é contracolonial e qual a diferença em relação ao pensamento decolonial?. **Instituto Claro**. Educação. 21 de março, 2023. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/o-que-e-contracolonial-e-qual-a-diferenca-em-relacao-ao-pensamento-decolonial/>. Acesso em: 3 mar. 2026.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.11. Brasília, maio - agosto de 2013, p. 89-117.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

SANTOS, Bruno Robson Ribeiro dos; QUEIROZ, Mylena de Lima. A escrita como possibilidade contracolonial: reescritas da multidão. **Outra Travessia**, [S. l.], n. 37, p. 334-355, 2024. DOI: 10.5007/2175-8077.2024.e100253. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/100253>. Acesso em: 3 mar. 2026.

Palavras-chave: Contracolonial; Escrita(s); Memórias; Professor negro.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2025-0392

Financiamento: Bolsa UFFS